

a senhora do lago
- parte dois
saga the witcher / volume VIII
andrzej sapkowski

Tradução de Olga Bagińska-Shinzato

Adaptação de Rui Azeredo



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

CAPÍTULO OITAVO

Nas proximidades daquele campo, no local onde ocorreu aquela terrível batalha em que quase toda a potência do Norte enfrentou quase toda a potência do agressor nilfgaardiano, havia duas vilas de pescadores: Nádegas Velhas e Brenna. Mas, como naquela época Brenna havia sido reduzida a cinzas, começou-se a falar da «Batalha das Nádegas Velhas». Contudo, hoje em dia, todos se referem a ela como a «Batalha de Brenna», por dois motivos. Primeiro, Brenna, depois de reconstruída, tornou-se uma povoação grande e próspera, e Nádegas Velhas não resistiu à passagem do tempo e desapareceu no meio de urtigas, erva e bardanas. Segundo, esse não era um nome digno para aquela famosa, grandiosa e trágica luta. Ora, como é que uma batalha em que pereceram mais de trinta mil pessoas poderia condizer com as Nádegas? E, para piorar, Velhas?

Portanto, em toda a escrita de cunho histórico ou militar, passou a referir-se apenas a «Batalha de Brenna», tanto nas nossas fontes, como nas fontes nilfgaardianas, que, por acaso, ultrapassam as nossas em quantidade.

*Reverendo Jarre de Ellander, o Velho
Annales Cronicae Incliti Regni Temeriae*

— **C**adete Fitz-Oesterlen, nota insuficiente. Sente-se, por favor. Gostaria de chamar a sua atenção, cadete, para o facto de que o desconhecimento das famosas e importantes batalhas da história da sua própria pátria é humilhante para qualquer patriota e bom cidadão. Já no caso

de um futuro oficial, é simplesmente escandaloso. Permita-me fazer mais um comentário, cadete Fitz-Oesterlen. Já há vinte anos, isto é, desde que sou professor nesta escola, que não me lembro de uma prova de admissão em que não houvesse uma pergunta sobre a batalha de Brenna. A sua ignorância sobre este assunto praticamente anula as suas hipóteses de uma carreira no exército. Contudo, como ostenta o título de barão, não precisa de se tornar oficial, pode tentar a política, ou a diplomacia. É o que lhe desejo veementemente, cadete Fitz-Oesterlen. E nós, senhores, voltemos a Brenna. Cadete Puttkammer!

— Presente!

— Venha até ao mapa, por favor. Pode continuar no ponto em que o senhor barão perdeu o ânimo.

— Sim, senhor capitão! O motivo pelo qual o marechal de campo Menno Coehoorn decidiu fazer uma manobra e ordenou uma rápida marcha para oeste foram os relatórios dos serviços secretos, nos quais havia informações sobre uma operação executada pelo exército dos nortelungos com o objetivo de defender a fortaleza cercada de Mayena. O marechal decidiu desviar o caminho dos nortelungos e forçá-los a proceder à batalha final. Para alcançar esse objetivo, dividiu as forças do Grupo do Exército «Meio»: uma parte delas permaneceu nas redondezas de Mayena, e com o restante das forças prosseguiu numa marcha rápida...

— Cadete Puttkammer! O senhor não é escritor de beletrística. O senhor é um futuro oficial! Que termo é esse, «o restante das forças»? Faça, por favor, a detalhada *ordre de bataille* do grupo de ataque do marechal Coehoorn. E use a terminologia militar!

— Sim, senhor capitão. Havia duas tropas sob o comando do marechal de campo Coehoorn: o Quarto Exército de Cavalaria, comandado pelo major-general Markus Braibant, o patrono da nossa escola...

— Muito bem, cadete Puttkammer.

— Bajulador de merda — sibilou o cadete Fitz-Oesterlen desde a sua carteira.

— ... e o Terceiro Exército, comandado pelo general de divisão Rhetz de Mellis-Stoke. O Quarto Exército de Cavalaria, que detinha mais de vinte mil soldados, era composto pelas divisões «Venendal», «Magne» e «Frundsberg», Segunda Brigada de Vicovaro, Sétima Brigada Daerlana, assim como as brigadas «Nauzicaa» e «Vrihedd». O Terceiro Exército era composto pelas divisões «Alba», «Deithwen» e... hummm... divisão...

— A divisão «Ard Feainn», obviamente — afirmou Julia Abatamarco. — Só se vocês fizeram alguma confusão. Têm a certeza de que havia um enorme sol prateado no gonfalão?

— Tenho, coronel — confirmou, sem hesitar, o comandante dos olheiros. — Tenho a certeza absoluta!

— «Ard Feainn» — murmurou a Doce Pateta. — Hummm... Interessante. Isso significa que naquelas três colunas avistadas vêm para nos combater não apenas todo o corpo da Armada da Cavalaria, como também uma parte do Terceiro Exército. Ah, não! Não acredito até ver isso com os meus próprios olhos. Capitão, o senhor comandará a companhia durante a minha ausência. Enviem um oficial de ligação ao coronel Pangratt...

— Mas, coronel, será que é sensato arriscar-se?

— Cumpra a ordem!

— Sim, senhora!

— É um grande risco, coronel! — gritou o comandante dos olheiros mais alto do que o estrondo do galope. — Podemos tropeçar em alguma unidade de reconhecimento élfica...

— Não fale! Guie!

A unidade dirigiu-se para baixo da ravina, num violento galope, correndo como o vento pelo vale do riacho, e adentrou a floresta. Ali precisava de desacelerar. O mato dificultava a corrida. Além disso, havia o risco de se depararem inesperadamente com uma patrulha ou unidade de reconhecimento enviada pelos nilfguardianos. A unidade de reconhecimento dos condotieros

aproximava-se do inimigo pelo flanco, não pela frente, mas certamente os flancos também estavam cobertos. De maneira que a excursão era por de mais arriscada. Mas a Doce Pateta gostava desse tipo de aventuras. E em toda a Companhia Livre não havia nem um soldado que não a seguisse. Inclusive, até ao próprio Inferno.

— É aqui. É esta torre — anunciou o comandante da unidade de reconhecimento.

Julia Abatemarco acenou com a cabeça. A torre era torta, estava arruinada, tinha vigas partidas e um monte de buracos nos quais o vento de oeste soprava como se fosse um pífaro. Não se sabia quem nem com que intuito construía ali a torre, naquele ermo, mas sabia-se que já fora há muito tempo.

— Não vai desabar?

— Não, pode ter a certeza, coronel.

Na Companhia Livre, entre os condotieros, não se usava «senhor», nem «senhora» para se dirigir a alguém. Empregava-se a patente.

Julia subiu rapidamente, quase em passo de corrida, até ao alto da torre. O comandante da unidade de reconhecimento juntou-se a ela ao fim de um minuto, arfando como um boi a cobrir uma vaca. A Doce Pateta, apoiada no parapeito torto, examinava o vale com uma luneta, com a língua para fora por entre os lábios, empinando o vistoso traseiro. O comandante da unidade de reconhecimento ficou arrepiado de excitação só de ver a cena, mas de imediato se conteve.

— É a «Ard Feainn», sem dúvida. — Julia Abatemarco passou a língua pelos lábios. — Vejo também os daerlanos de Elan Trahe, inclusive estão lá os elfos da brigada «Vrihedd», nossos velhos conhecidos de Maribor e Mayena... Ah! Estão lá também as Caveiras, a famosa brigada «Nauzicaa»... Vejo também as labaredas nas flâmulas da divisão da cavalaria pesada «Deithwen»... E uma bandeira branca com um negro alerião, o símbolo da divisão «Alba»...

— Reconhece-os como se fossem seus camaradas...

— murmurou o comandante do reconhecimento. — Tem assim tantos conhecimentos?

— Estudei na academia militar — retrucou a Doce Pateta. — Sou oficial de patente. Bem, já vi o que queria. Vamos voltar para junto da companhia.

— O Terceiro e o Quarto Exércitos vêm na nossa direção — anunciou Julia Abatemarco. — Repito, o Quarto inteiro e, pelos vistos, toda a cavalaria do Terceiro. Atrás dos esquadrões que avistei, subia até ao céu uma nuvem de poeira. Pelas minhas estimativas, naquelas três colunas há quarenta mil cavaleiros. Ou até mais... talvez...

— Talvez Coehoorn tenha dividido o Grupo do Exército «Meio» — completou Adam «Adieu» Pangratt, o comandante da Companhia Livre. — Levou apenas o Quarto Exército e a cavalaria do Terceiro, sem a infantaria, para ganhar rapidez... Julia, no lugar do condestável Natalis ou do rei Foltest...

— Sim. Eu sei o que farias. — Os olhos da Doce Pateta brilharam. — Mandaste os estafetas até eles?

— Claro que sim.

— Natalis é um macaco velho. Pode ser que amanhã...

— Pode ser. — «Adieu» não deixou que terminasse. — E até acho que será. Fustiga o cavalo, Julia. Quero mostrar-te uma coisa.

Avançaram velozmente algumas milhas, ficando muito à frente do restante da tropa. O sol já quase tocava as colinas a oeste, as florestas e a mata ciliar cobriam o vale com uma extensa penumbra. Mas ainda havia bastante visibilidade para que a Doce Pateta percebesse de imediato o que «Adieu» Pangratt pretendia mostrar-lhe.

— Aqui. — «Adieu» confirmou as suas suspeitas, erguendo-se nos estribos. — Aqui eu receberia o embate amanhã, se estivesse ao comando das tropas.

— Um belo terreno — admitiu Julia Abatemarco. — Plano,

duro, liso... Um bom lugar para nos prepararmos... Hummm... Entre essas colinas e aquelas lagoas ali... deve haver umas três milhas de distância... Aquela colina ali seria um excelente posto de comando...

— Tens razão. E repara que lá no meio há mais um lago ou lagoa, aquilo que brilha... Pode ser útil... O rio também pode ter um papel estratégico. Embora seja pequeno, é pantanoso... Qual é o nome desse rio, Julia? Passámos por ele ontem. Lembras-te?

— Não me lembro. Talvez Chocha, ou algo assim.

Quem conhece aqueles terrenos pode imaginar tudo isso com facilidade. Contudo, para aqueles que não conhecem tão bem, esclareço que a ala esquerda do exército real alcançava o lugar onde hoje em dia se situa a vila Brenna. Na época da batalha não havia ali qualquer povoação, pois no ano anterior os elfos esquilos tinham-na incendiado e deixado arder até se transformar em cinza. O corpo real redânio, comandado pelo conde de Ruyter, estava exatamente lá parado, na ala esquerda. E aquela tropa contava com oito mil homens da infantaria e da cavalaria na vanguarda.

O agrupamento real estava posicionado ao longo da colina, depois denominada Cadafalso. Nessa colina encontravam-se o rei Foltest e o condestável Jan Natalis, acompanhados pelo alferes-mor, observando do alto todo o campo de batalha. Lá encontravam-se agrupadas as forças principais do nosso exército — doze mil valentes infantes temerianos e redânios posicionados em quatro enormes quadriláteros, protegidos por dez esquadrões da cavalaria que alcançavam o confim norte da lagoa, chamada Dourada pelos habitantes do local. No entanto, o agrupamento central possuía, na segunda linha, um destacamento de reserva: três mil homens da infantaria de Wyzim e Maribor, comandados pelo voivoda Bronibor.

Contudo, desde o confim sul da Lagoa Dourada até uma sequência de pesqueiros e meandros do rio Chotla, numa faixa de uma milha de largura, estava posicionada a ala direita do nosso exército,

a Unidade Voluntária, composta pelos anões de Mahakam, oito esquadrões da cavalaria ligeira e os esquadrões da exímia Companhia Livre de Condotieros. Os comandantes da ala direita eram o condotiero Adam Pangratt e o anão Barclay Els.

Do outro lado, à distância de uma ou duas milhas, num campo aberto atrás da floresta, o marechal de campo Menno Coehoorn preparava o exército nilfgaardiano. Lá estavam posicionados homens de armadura, formando algo semelhante a um muro negro — regimento junto de regimento, companhia junto de companhia, esquadrão junto de esquadrão. Para onde se olhava, não se via o fim. E, pela quantidade de bandeiras e lanças, era possível perceber que a formação não era apenas extensa, mas também de grande profundidade. A tropa contava com quarenta e seis mil homens, na época algo desconhecido pela grande maioria. Talvez até fosse melhor assim, pois muitos perderam um pouco do seu ânimo só de ver o potencial nilfgaardiano.

E até os corações dos homens mais valentes começaram a bater com mais força debaixo das armaduras, como martelos, pois tornou-se evidente que a luta seria dura e sanguinária e que muitos dos homens lá presentes não veriam o pôr do Sol naquela tarde.

Jarre, segurando os óculos que lhe deslizavam do nariz, voltou a ler todo o fragmento do texto. Suspirou, massajou a calvície, e logo a seguir pegou na esponja, apertou-a ligeiramente e apagou a última frase.

O vento rumorejava por entre as folhas da tília, as abelhas zumbiam. E as crianças, como era costume, tentavam gritar cada uma mais alto do que a outra.

Uma bola rolou pelo relvado e tocou no pé do ancião. Antes de conseguir baixar-se, desajeitado e inabilidoso, um dos seus netos correu como se fosse um filhote de lobo e apossou-se da bola em plena corrida. Esbarrou na mesa, que balançou. Com a mão direita, Jarre salvou o tinteiro, que quase caiu, e com o toco da esquerda segurou as resmas de papel.

As abelhas zumbiam, carregando as bolinhas amarelas do pólen de acácia.

Jarre voltou a escrever.

A manhã estava nebulosa, mas via-se o Sol por entre as nuvens, e a altura a que se posicionava permitia ter uma ideia clara das horas que passavam. O vento soprou, as flâmulas tremeluziram, agitando-se como se fossem bandos de aves a levantar voo. Mas Nilfgaard permanecia parado. Foi então que todos começaram a estranhar que o marechal Menno Coehoorn não ordenasse o avanço das suas tropas...

— Quando? — Menno Coehoorn, debruçado sobre os mapas, ergueu a cabeça e passou o olhar por todos os comandantes. — Perguntam quando mandarei avançar?

Ninguém respondeu. Menno examinou os seus comandantes com um rápido olhar. Os mais tensos e nervosos pareciam aqueles que permaneceriam na retaguarda: Elan Trahe, o comandante da Sétima Brigada Daerlana, e Kees van Lo, da brigada «Nauzicaa». Ouder de Wyngalt, *aide-de-camp* do marechal, que tinha as menores hipóteses de participar ativamente no combate, também se mostrava visivelmente inquieto.

Aqueles que avançariam primeiro pareciam calmos, até entediados. Markus Braibant bocejava. O general de divisão Rhetz de Mellis-Stoke enfiava o dedo mindinho no ouvido e inspecionava-o constantemente, como se esperasse encontrar algo digno de atenção. O coronel Ramon Tyrconnel, um jovem comandante da divisão «Ard Feainn», assobiava baixinho, com o olhar fixo num ponto do horizonte que só ele conhecia. O coronel Liam aep Muir Moss, da divisão «Deithwen», folheava o seu inseparável fascículo de poesia. Tibor Eggebracht, da divisão de lanceiros pesados «Alba», coçava a nuca com a ponta do chicote.

— Atacaremos assim que as patrulhas regressarem — anunciou

Coehoorn. — Senhores oficiais, estou preocupado com aquelas colinas a norte. Antes de atacarmos, preciso de saber o que há atrás delas.

Lamarr Flaut estava com medo. Morria de medo, um medo que rastejava pelos seus intestinos. Parecia que nas vísceras tinha pelo menos doze enguias pegajosas, cobertas de um muco fedorento, que procuravam com insistência uma abertura pela qual pudessem libertar-se. Há já uma hora, a patrulha tinha recebido as ordens e partido. Flaut esperava, no fundo da alma, que o frio matinal espantasse o medo, que o pavor fosse abafado pela rotina, pelo ritual treinado, pelo duro e severo cerimonial do serviço. Enganou-se. Agora, uma hora mais tarde, e depois de percorrer cerca de cinco milhas, longe, perigosamente longe dos seus, por dentro, perigosamente por dentro do território do inimigo, próximo, fatalmente próximo do perigo desconhecido, o medo simplesmente mostrava do que era capaz.

Pararam na margem de uma floresta de abetos, por cautela. Permaneceram atrás dos enormes juníperos que cresciam no limiar. À sua frente, atrás de uma faixa de pinheiros baixos, estendia-se uma extensa bacia. A neblina deslizava sobre as pontas da relva.

— Ninguém, nem uma alma viva — avaliou Flaut. — Vamos voltar. Já estamos muito longe.

O sargento olhou para ele de soslaio. *Longe? Haviam-se afastado apenas uma milha, arrastando-se como tartarugas mancas.*

— Valeria a pena olhar ainda atrás daquela colina, primeiro-tenente — disse. — Acho que de lá teremos uma visão melhor. Será possível ver os dois vales. Se alguém estiver a aproximar-se, não passará despercebido. E então? Vamos dar um salto até lá, senhor? É uma distância de apenas algumas milhas.

Algumas milhas, pensou Flaut. Num terreno aberto, expostos como numa frigideira. As enguias contorciam-se, procuravam

com violência sair das suas entranhas. E pelo menos uma, Flaut sentia com nitidez, seguia no caminho certo.

Ouvi o tinir de um estribo, o resfolegar de um cavalo. Ali, por entre o intenso verde dos pinheiros novos, numa encosta arenosa. Algo se mexeu lá? Uma silhueta? Estão a cercar-nos?

Corria um boato pelo acampamento de que uns dias antes os condotieros da Companhia Livre tinham apanhado um elfo vivo depois de atrair a excursão de reconhecimento da brigada «Vrihedd» a uma cilada. Dizia-se que ele fora castrado, que lhe tinham arrancado a língua e cortado todos os dedos da mão... e, por fim, que lhe arrancaram os olhos. Gozavam com ele, dizendo que já não conseguiria voltar a brincar com a sua vadia élfica, nem vê-la a brincar com os outros.

— E então, senhor? — O sargento pigarreou. — Vamos dar um salto até à colina?

Lamarr Flaut engoliu em seco.

— Não. Não nos podemos demorar — respondeu. — Já verificámos. Aqui não há inimigos. Temos de relatar isso ao comando. Vamo-nos embora!

Menno Coehoorn ouviu o relato debruçado sobre os mapas. Depois, ergueu a cabeça.

— Para os esquadrões — ordenou brevemente. — Senhor Braibant, senhor Mellis-Stoke. Avançar!

— Viva o imperador! — gritaram Tyrconnel e Eggebracht. Menno fitou-os de forma estranha.

— Para os esquadrões — repetiu. — Que o Sol Grandioso ilumine a sua glória!

Milo Vanderbeck, um metadílio, cirurgião de campo, conhecido por Ruivo, inalou com avidez embriagadora uma mistura de cheiros de tintura de iodo, amoníaco, álcool, éter e elixires mágicos,

suspensa sob a lona da tenda. Queria saciar-se agora com tal cheiro, quando ainda estava são, limpo, imaculado, virgem e clinicamente estéril. Sabia que não permaneceria assim por muito tempo.

Olhou para a mesa de operações, também imaculadamente branca, e para os instrumentos, para as dezenas de ferramentas que despertavam respeito e confiança com a gélida e ameaçadora dignidade do aço frio, com a castiça limpeza do brilho metálico, com a ordem e a estética da sua posição.

Diante dos instrumentos havia uma grande movimentação. Eram as suas funcionárias, que andavam de um lado para o outro.

Três mulheres... Pft. Ruivo corrigiu-se em pensamento. *Uma mulher e duas raparigas. Pft. Uma mulher velha, embora bonita e com aspeto de jovem. E duas crianças.*

Uma mágica e benzedeira, chamada Marti Sodergren, e voluntárias: Shani, aluna da Universidade de Oxenfurt. Iola, sacerdotisa do templo de Melitele de Ellander.

Conheço a Marti Sodergren, pensou Ruivo. Já trabalhei várias vezes com essa beleza. É um pouco ninfomaniaca, com tendência para a histeria, mas não importa, desde que a sua magia funcione. Feitiços de anestesia, desinfeção e para estancar o sangue.

Iola. Sacerdotisa, ou, melhor, noviça. Uma rapariga de beleza simples e comum, como um tecido de linho, com grandes e fortes mãos de camponesa. O templo impedira que tais mãos fossem maculadas pelo humilhante estigma do trabalho duro e sujo na lavoura, mas não conseguira mascarar as suas origens.

Não, refletia Ruivo, não me preocupo com ela. Aquelas mãos de camponesa são mãos dignas de confiança. Além disso, as raparigas dos templos raramente falham. Nos momentos de desespero não cedem, confiam na sua religião, nessa sua fé mística. O interessante é que isso ajuda.

Olhou para Shani, de cabelos ruivos, que passava habilidosamente as linhas cirúrgicas pelas agulhas tortas.

Shani. Filha de fétidos becos urbanos, conseguira entrar na Universidade de Oxenfurt graças à sua ânsia de saber e a enormes

sacrifícios dos seus pais, que pagavam as propinas. Estudante. Aparvalhada. Rapariga alegre e traquina. O que sabia fazer? Passar a linha pelas agulhas? Colocar torniquetes? Segurar os ganchos? A pergunta era, quando seria que aquela estudentezinha ruiva ia desmaiar, soltar os ganchos e desabar sobre a barriga aberta do paciente?

As pessoas têm pouca resistência, pensou. Pedi que me mandassem uma elfa, ou alguém da minha raça. Mas não, não confiam nelas. Nem sequer confiam em mim. Sou um metadílio. Um desumano. Um estranho.

— Shani!

— Pois não, senhor Vanderbeck?

— Ruivo. Para ti, «senhor Ruivo». O que é isso, Shani? E para que serve?

— Senhor Ruivo, o senhor está a verificar os meus conhecimentos?

— Responde, miúda!

— É um raspador! Serve para tirar o perióstio na altura da amputação, para que não rache debaixo dos dentes de uma serra, para a serragem sair limpa e lisa. Está satisfeito? Passei?

— Menos, menina, menos.

Passou os dedos pelo cabelo.

Interessante, pensou. Somos quatro médicos aqui, e todos são ruivos! É o destino ou o quê?

— Meninas, saiam da tenda, por favor — pediu, acenando com a mão.

Obedeceram, mas as três saíram a bufar baixinho, cada uma ao seu modo.

No exterior, um grupo de enfermeiros, sentado junto à tenda, aproveitava os últimos minutos da doce folga. Ruivo lançou um olhar severo na direção deles e inalou fundo para verificar se já estavam embriagados.

O ferreiro, um homem enorme, andava de um lado para o outro junto à sua mesa, que parecia uma mesa de tortura, arrumava

as ferramentas usadas para arrancar os feridos das armaduras, as cotas de malha e os bacinetes amassados.

Ruivo começou a falar sem introduzir o assunto, apontando para o campo:

— Ali, daqui a um instante, começará uma carnificina. E daqui a um instante, mais um instante, aparecerão os primeiros feridos. Todos sabem o que devem fazer, todos conhecem as suas responsabilidades e o seu lugar. Se todos respeitarem as regras, tudo correrá bem. Está claro?

Nenhuma das «meninas» reagiu. Ruivo continuou, apontando de novo:

— Ali, daqui a um instante, umas cem mil pessoas começarão a ferir-se umas às outras. De maneiras muito sofisticadas. Ao todo, incluindo os dois outros hospitais, somos doze médicos. Não conseguiremos, de modo nenhum, ajudar todos os necessitados, nem sequer uma percentagem mínima deles. Aliás, ninguém o exige. Contudo, trataremos deles, pois essa é, peço desculpas por dizer uma banalidade, a nossa razão de ser. Ajudar os necessitados. Portanto, ajudaremos todos, na medida do possível.

Desta vez, tão-pouco se ouviram comentários. Ruivo virou-se e disse em voz baixa e num tom mais suave:

— Não conseguiremos prestar maior ajuda do que o possível. Mas façamos com que a nossa ajuda não seja menos do que o possível.

— Mexeram-se — afirmou o condestável Jan Natalis, e limpou a mão suada à anca. — Vossa Majestade Imperial, Nilfgaard avançou. Aproximam-se!

O rei Foltest, dominando o cavalo agitado, um lobuno claro de arreio ornado com flores-de-lis, virou o seu belo perfil, digno de figurar nas moedas, para o condestável.

— Então, precisamos de os receber como merecem. Senhor condestável! Senhores oficiais!

— Morte aos Negros! — bradaram em uníssono o condotiero Adam «Adieu» Pangratt e o conde de Ruyter. O condestável olhou para eles, depois endireitou-se e inspirou fundo.

— Para o esquadrão!!!

Ao longe, ribombavam os tímpanos e tambores nilfguardianos, zuniam os cromornos, olifantes e zurnas. A terra tremeu, atingida por milhares de cascos.

— É agora. Logo... — disse Andy Biberveldt, metadílio, cabo da unidade de carros, afastando o cabelo da pequena orelha pontiaguda.

Tara Hildebrandt, Didi «Lúpulo» Hofmeier e os carretões restantes acenaram com a cabeça. Eles também tinham ouvido a movimentação, o estrondo monótono da batida de cascos vindo de trás da colina e da floresta. Ouviram um grito e um berro crescentes que lembravam o zumbido de abelhões. Sentiram a terra a tremer.

O grito rápido avolumou-se, elevou-se um tom.

— A primeira salva dos arqueiros. — Andy Biberveldt tinha experiência, vira, isto é, ouvira muitas batalhas. — Logo surgirá outra.

Não se equivocou.

— Agora, vão chocar!

— Me... me... lhor ir para de... de... de... baixo dos carros — disse William Hardbottom, conhecido como Gaguinho, agitando-se, inquieto. — Di... di... di... di... digo-lhes...

Biberveldt e os outros metadílios olharam para ele com piedade. *Debaixo dos carros? Para quê? Separava-os do local da batalha quase um quarto de milha. E mesmo que uma patrulha entrasse ali de repente, na retaguarda, nos carros, alguém se salvaria debaixo dos vagões?*

O clamor e o estrondo silenciaram-se.

— Agora — afirmou Andy Biberveldt, e uma vez mais estava certo.

Da distância de um quarto de milha, de trás da colina e da

floresta, por entre os berros e um súbito estridor de ferro chocando com ferro, chegou aos ouvidos dos carretões um ruído nítido, macabro e arrepiante.

Um grunhido. Um horrível, desesperado e selvagem grunhido, um som de animais mutilados.

— A cavalaria... — Biberveldt passou a língua pelos lábios. — A cavalaria encravou-se nos piques...

— Só... só... só... só — tartamudeou o pálido Gaguinho — não sei o que... que... que... que os ca... ca... ca... cavalos lhes fizeram, a esses fi... fi... fi... filhos da pu... pu... pu... puta.

Jarre apagou com a esponja outra frase. Semicerrou os olhos, tentando lembrar-se daquele dia, do momento em que as duas tropas chocaram, em que os dois exércitos se lançaram aos seus pescoços como se fossem *spaniels* bretões raivosos, enlaçados num abraço mortal.

Procurava as palavras para descrever esse momento. Em vão.

A formação em cunha da cavalaria irrompeu no quadrilátero. A divisão «Alba», tal como uma gigantesca adaga a executar uma punhalada, rebentava tudo o que dificultava o acesso ao corpo vivo da infantaria temeriana — piques, dardos, alabardas, lanças, escudos curtos e longos. A divisão «Alba» irrompeu no corpo vivo como uma adaga, derramando sangue. Era nesse sangue que os cavalos se banhavam e escorregavam naquele momento. Mas a ponta da adaga, embora cravada profundamente, não atingira o coração, nem qualquer órgão vital. A cunha da divisão «Alba», em vez de esmagar e fragmentar o quadrilátero temeriano, perfurou-o e atascou-se. Atolou-se na turba dos soldados a pé, maleável e espessa como alcatrão.

Inicialmente, parecia não haver perigo. A cabeça e os flancos da cunha eram compostos por esquadrões de elite de armadura

pesada. As espadas e as armas dos lansquenetes eram rebatidas pelos escudos e pelas chapas das armaduras, como martelos pelas bigornas. Não havia como atingir os cavalos das armaduras. E mesmo que de vez em quando um dos cavaleiros armados caísse da sela ou com o corcel, as espadas, estrelas da manhã, as picaretas e os machados dos cavaleiros produziam um verdadeiro morticínio entre os infantess em avanço. A cunha atolada na multidão agitou-se e começou a penetrar cada vez mais fundo.

— «Albaaa!» — O subtenente Devlin aep Meara ouviu o grito do coronel Eggebracht, dominando sobre o estridor, o clamor, a ululação e o relincho dos cavalos. — Adiante, «Alba»! Viva o imperador!

Avançaram dilacerando, golpeando e cortando. Sob os cascos dos cavalos que relinchavam de forma selvagem e lançavam patadas, saíam ruídos de patinhar, esmagar, ranger e estourar.

— «Aaalbaaa!»

A cunha atolou novamente. Os lansquenetes, embora menos numerosos e ensanguentados, não cederam. Continuavam impelindo, apertando a cavalaria como uma tenaz. Até se ouvir um estalo. Os cavaleiros pesados da primeira linha, golpeados com alabardas, machados e maçãs, sucumbiram e abriram espaço. Acutilados com partasanas e lanças, derrubados das selas com os ganchos das bisarmas e azagaias, espancados impiedosamente com malhos e moccas de ferro, os cavaleiros da divisão «Alba» começaram a morrer. A cunha que perfurara o quadrilátero da infantaria, ainda há pouco um perigoso ferro mutilador dentro de um organismo vivo, agora parecia uma estalactite de gelo no enorme punho de um camponês.

— Temeriaaaa! Pelo rei, soldados! Acabem com os Negros!

As coisas tampouco estavam fáceis para os lansquenetes. A «Alba» não se deixava romper, as espadas e os machados erguiam-se e caíam, cortavam e dilaceravam. A infantaria pagava um altíssimo preço em sangue por qualquer homem a cavalo derrubado da sela.

O coronel Eggebracht, atingido no meio da fenda da armadura com a ponta de uma lança, fina como uma sovela, soltou um grito e desequilibrou-se na sela. Antes que lhe prestassem socorro, um terrível golpe de um malho lançou-o ao chão. A infantaria em turbilhão pôs-se em cima dele.

O estandarte com um negro alerião e um *perisionium* dourado no peito vacilou e caiu. A cavalaria pesada, da qual fazia parte o subtenente Devlin aep Meara, lançou-se naquela direção, cortando, estraçalhando, esmagando, berrando.

Gostava de saber, pensou Devlin aep Meara, arrancando a espada de uma capelina destrozada e do crânio de um lansquene-
te temeriano. *Gostava de saber*, pensou, rebatendo num extenso golpe o gancho aguçado de uma bisarma a ele dirigida. *Gostava de saber para quê tudo isto, porquê tudo isto, e por quem tudo isto.*

— Eeeh... E foi então que se convocou o convento das grandes mestras... As Nossas Veneráveis Mães... eeeh... cuja lembrança permanecerá sempre viva entre nós... Pois... eeeh... as grandes mestras da Primeira Loja... decidiram... eeeh... decidiram...

— Noviça Abonde, estás despreparada. Nota insuficiente. Senta-te.

— Mas eu estudei, a sério...

— Senta-te.

— Por que diabo temos de estudar estas coisas velhas? — murmurou Abonde ao sentar-se. — Quem, hoje em dia, ainda liga a estas coisas? E que proveito trazem?

— Silêncio! Noviça Nimue!

— Presente, mestre.

— Estou a ver. Sabes a resposta? Se não souberes, senta-te e não me faças perder tempo à toa.

— Sei.

— Diz, então.

— Está bem. As crónicas ensinam-nos que o convento das

mestras se reuniu no castelo Montecalvo para decidir como acabar com a maléfica guerra entre o imperador do Sul e os reis do Norte. A Venerável Mãe Assire, a santa mártir, disse que os governantes não cessariam a luta até que sangrassem o suficiente. E a Venerável Mãe Filippa, santa mártir, respondeu: «Dar-lhes-emos uma grande, sangrenta, horrível e cruel batalha. Incitaremos tal batalha para que as tropas do imperador e os exércitos dos reis derramem o seu sangue nela. E depois nós, ou seja, a Grande Loja, iremos obrigá-los a fazer as pazes.» E foi isso que aconteceu. As Veneráveis Mães incitaram a batalha de Brenna, e os governantes foram obrigados a assinar a paz de Cintra.

— Muito bem, noviça Nimue. Eu dar-te-ia uma nota mais alta... se não fosse por aquele «está bem» no início da frase. Não se começa uma frase com «está bem». Senta-te. E agora ouviremos falar da paz de Cintra. A pessoa que falará sobre o assunto será...

A campainha tocou, indicando que era a hora do intervalo. Contudo, as noviças não reagiram com gritos nem com o barulho dos bancos ao levantar-se. Mantiveram-se em silêncio, numa calma solene e respeitosa. Já não eram umas pirralhas e não frequentavam o jardim infantil. Já estavam na terceira série! Tinham catorze anos! E tais circunstâncias exigiam um comportamento adequado.

— Bom, aqui não há muita coisa para acrescentar. — Ruivo avaliou o estado do primeiro paciente que acabava de manchar com sangue o branco imaculado da mesa. — O fémur está fragmentado... A artéria ficou intacta, caso contrário teriam trazido um cadáver. Parece ter sofrido um golpe de machado e a dura aba da sela funcionou como um toco de lenhador. Vejam...

Shani e Iola inclinaram-se. Ruivo esfregou as mãos.

— Como disse, aqui não há nada a acrescentar. Só para retirar. Mãos à obra. Iola! Torniquete, com força. Shani, faca. Não essa. A faca de amputação, de dois gumes.

O ferido não desviava os olhos inquietos das suas mãos. Seguia os seus movimentos com o olhar de um animal assustado preso a uma armadilha.

— Por obséquio, Marti, um pouco de magia. — O metadílio assentiu com a cabeça, debruçando-se sobre o paciente de tal maneira que tapava o seu campo de visão.

— Vou amputar, filho.

— Nãooooo! — gritou o ferido, sacudindo a cabeça, tentando escapar às mãos de Marti Sodergren. — Não querooo!

— Se eu não amputar, vais morrer.

— Prefiro morrer... — Sob o efeito da magia da curandeira, o ferido falava cada vez mais devagar. — Prefiro morrer a ficar aleijado... Deixem-me morrer... Imploro... Deixem-me morrer!

— Não posso. — Ruivo ergueu a faca e olhou para a lâmina, para o aço virgem, brilhante. — Não posso permitir que morras. Sou médico.

Introduziu o gume com firmeza e fez um corte profundo.

O ferido gritou. E, embora fosse humano, uivou de forma desumana.

O estafeta freou o cavalo com tanto ímpeto que pedaços de erva voaram de baixo dos cascos. Dois ajudantes seguraram a brida e dominaram o corcel agitado. O estafeta saltou da sela.

— Quem foi? Quem te mandou? — gritou Jan Natalis.

— O senhor de Ruyter... — arquejou o estafeta. — Parámos os Negros... mas são grandes as perdas... O senhor de Ruyter pede reforços...

— Não há reforços — respondeu o condestável após um momento de silêncio. — Precisam de aguentar. Têm de aguentar!

— E aqui, minhas senhoras — apontou Ruivo, parecendo um colecionador a apresentar a sua coleção —, vejam a bela consequência

de um corte na barriga... Alguém facilitou o nosso trabalho, ensaiando no desgraçado uma laparotomia amadora... Por sorte, ele foi carregado com cuidado, sem perder órgãos importantes... Isto é, suponho que não tenham sido perdidos órgãos importantes. Shani, o que achas disto? Porquê essa cara, rapariga? Até agora só conhecias os homens por fora?

— As tripas estão danificadas, senhor Ruivo...

— O diagnóstico, além de correto, é evidente! Nem é preciso olhar, basta cheirar. Iola, passa o pano. Marti, ainda temos muito sangue aqui. Por gentileza, aplica um pouco mais da tua preciosa magia. Shani, grampo. Usa a pinça hemostática, não estás a ver que o sangue está a jorrar? Iola, passa a faca.

— Quem está a ganhar? — perguntou repentinamente, virando os olhos e balbuciando, o paciente operado, embora com plena consciência. — Digam-me... quem... está a ganhar?

— Meu filho... — Ruivo debruçou-se sobre as entranhas abertas, ensanguentadas e pulsantes. — Na verdade, se fosse a ti, seria a última coisa com a qual me preocuparia.

... começou, então, na ala esquerda e no meio da linha, um embate horrível e sangrento. No entanto, embora o ímpeto e a perseverança de Nilfgaard fossem enormes, a sua carga chocara-se contra o exército real como uma onda do mar choca contra as rochas. Tratavam-se de soldados excepcionais, pesados esquadrões de Maribor, Wyzim e Tretogor, assim como os pertinazes lansquenetes temerianos, mercenários profissionais que não se assustavam facilmente com a força da cavalaria.

E foi assim que o combate prosseguiu, como o mar que choca contra a rocha da terra firme. Era um combate em que não havia como adivinhar quem venceria, pois embora as ondas chocassem constantemente contra a rocha, não enfraqueciam, simplesmente cediam para logo voltar a bater. No entanto, a rocha continuava firme, como antes, visível por entre as ondas revoltas.

A situação na ala direita do exército real, entretanto, era diferente.

Como um velho gavião que sabe onde pousar e executar a bica mortal, o marechal de campo Menno Coehoorn sabia onde aplicar o golpe. Juntando as duas divisões de elite — a «Deithwen» de lanceiros e os couraçados de «Ard Feainn» — num punho de ferro, atacou no cruzamento das linhas acima da Lagoa Dourada, no lugar onde estavam os esquadrões de Brugge. Embora os bruggenses lutassem com coragem, mostraram-se menos resistentes, tanto em termos de armaduras como de espírito. Sucumbiram ao ataque dos nilfgardianos. Imediatamente, dois esquadrões da Companhia Livre, comandados pelo velho condotiero Adam Pangratt, lançaram-se em seu socorro e conseguiram deter Nilfgaard, o que lhes custou um alto preço em sangue. Entretanto, os anões da Unidade Voluntária posicionada no flanco direito correriam o terrível risco de serem cercados e a formação de todo o exército real estava ameaçada de ser destruída.

Jarre mergulhou a pena no tinteiro. Os netos esganiçavam ao fundo do pomar e as suas risadas ressoavam como sinetas de cristal.

No entanto, Jan Natalis, atento como um grou, dera pelo perigo, e num instante percebeu o que estava para acontecer. Enviou imediatamente um estafeta aos anões com uma ordem para o coronel Els...

Com toda a sua ingenuidade de um rapaz de dezassete anos, o corneteiro Aubry achava que chegar à ala direita, transmitir a ordem e voltar à colina demoraria no máximo dez minutos. Certamente, não mais do que isso, pois montava *Chiquita*, uma égua esguia e veloz como uma corça.

Antes sequer de chegar à Lagoa Dourada, o corneteiro apercebeu-se de duas coisas: não sabia quando chegaria à ala direita, nem quando conseguiria regressar, e a rapidez de *Chiquita* iria ser-lhe muito, muito mais útil.

No campo, a leste da Lagoa Dourada, a batalha fervia. Os Negros lutavam contra a cavalaria bruggense, que protegia a formação da infantaria. De repente, o corneteiro viu silhuetas de capas verdes, amarelas e vermelhas a sair do turbilhão da batalha e a fugir em alvoroço em direção ao rio Chotla, como faíscas ou cacos de um vitral partido. Atrás deles, como um rio negro, os nilfgaardianos foram invadindo tudo.

Aubry freou a égua bruscamente, puxou as rédeas, pronto para recuar e fugir, desviando-se do caminho dos fugitivos e dos perseguidores. Mas o sentido de dever prevaleceu. O corneteiro encostou-se ao pescoço da montada e lançou-se num galope desenfreado.

À volta, ouviam-se gritos e cascos a bater, estridor e estampido. Via-se um tremeluzir caleidoscópico de silhuetas e o brilho das espadas. Alguns bruggenses, empurrados até à beira da lagoa, resistiam desesperadamente, juntando-se em volta da bandeira com a cruz de âncora. No campo, os Negros massacravam a infantaria dispersa, que não tinha apoio.

A visão do corneteiro foi tapada por uma capa negra com o símbolo de um sol prateado.

— *Evgyr, Nordling!*

Aubry gritou, e *Chiquita*, assustada com o berro, lançou-se em fuga, salvando a sua vida, tirando-o do alcance da espada nilfgaardiana.

Repentinamente, flechas e setas silvaram, sobrevoando a sua cabeça, e outra vez silhuetas tremeluziram diante dos seus olhos.

Onde estou? Onde estão os meus? Onde está o inimigo?

— *Evgyr morv, Nordling!*

Estrondo, estridor, cavalos relinchando, gritos.

— Para, fedelho! Não é por aí!

A voz de uma mulher. Uma mulher montada num garanhão negro, de armadura, com o cabelo a esvoaçar e o rosto salpicado por sangue. Junto dela, cavaleiros couraçados.

— Quem és tu? — A mulher borrou o sangue com o punho no qual segurava a espada.

— Corneteiro Aubry... alferes do condestável Natalis... Levo ordens para os coronéis Pangratt e Els...

— Não tens qualquer hipótese de chegar ao lugar onde o «Adieu» luta. Vamos até aos anões. Sou Julia Abatemarco... Apressem os cavalos, que diabo! Estão a cercar-nos! A galope!

Não teve tempo para protestar. Tão-pouco valia a pena fazê-lo.

Após um curto galope desenfreado, surgiu, de entre a poeira, uma massa da infantaria, um quadrilátero, encascado como uma tartaruga com a parede de longos escudos e eriçado com pontas de ferro como uma almofada para agulhas. Uma enorme bandeira dourada com dois martelos cruzados esvoaçava sobre o quadrilátero. Junto dela erguia-se uma vara com caudas de cavalos e caveiras humanas.

O quadrilátero estava a ser atacado pelos nilfgardianos. Avançavam e recuavam. Pareciam cães a sacudir um velho que tentasse espantá-los agitando uma vara na mão. Era a divisão «Ard Feinn», impossível de confundir com qualquer outra, por causa dos enormes sóis nas capas.

— Adiante, Companhia Livre! — gritou a mulher movimentando a espada em redemoinho. — Esforcem-se para ganharmos o nosso soldo!

Os cavaleiros — e junto deles o corneteiro Aubry — lançaram-se contra os nilfgardianos.

O embate durou apenas alguns instantes, mas foi terrível. Ao terminar, a parede de escudos abriu-se diante deles. Estavam dentro do quadrilátero, apertados, entre anões de cota de malha, coifas de malha e elmos pontiagudos, com a infantaria redânia, a suave cavalaria bruggense e os condotieros armados.

Julia Abatemarco — Doce Pateta, condotiera, só agora reconhecida por Aubry — levou-o até um rechonchudo anão que carregava um elmo bicudo ornamentado com um belo penacho. Montava desleixadamente num cavalo nilfgardiano com couraça, sobre uma sela de lanceiro com um enorme cepilho. Subira para poder olhar por cima das cabeças dos infantes.